

RESENHA

A TEORIA CRÍTICA EXAMINA A CULTURA HIPERATIVA¹

TÜRCKE, Christoph. **Hyperaktiv!** Kritik der Aufmerksamkeitsdefizitkultur. München: C. H. Beck, 2012. 128 p.

Elisa Zwick²

Recebido: 08/2019
Aprovado: 11/2019

Hyperaktiv! Kritik der Aufmerksamkeitsdefizitkultur (2012), ou, literalmente, *Hiperativos! Crítica da cultura do déficit de atenção*, é uma obra escrita na esteira de *Erregte Gesellschaft: Philosophie der Sensation* (2002) e *Philosophie des Traums* (2008)³, também publicadas pelo teólogo e filósofo alemão Christoph Türcke. A análise operada em *Hyperaktiv!* sumariza uma espécie de reconstrução da história humana, do ponto de vista arqueológico, mas também antropológico e social, pelo olhar cuidadoso de um dos pensadores mais proeminentes da Teoria Crítica na atualidade. O propósito do estudo é apontar as origens da *cultura do déficit de atenção*, debater seu diagnóstico e propor uma práxis pedagógica diferenciada às escolas, para amenizar o seu impacto no ensino fundamental.

Tentarei apresentar as linhas gerais do que o autor chamou, talvez pela sua extensão, de “pequeno livro” (*Büchlein*), mas que possui significância teórica inversamente proporcional. Preservando o norte de *Filosofia do sonho* (2010b), de que as coisas primeiras se conectam intimamente às últimas, Türcke defende a tese de que o déficit de atenção precisa ser entendido

¹ O livro possui edição brasileira (Türcke, 2016) cuja divulgação da tradução, no ano de lançamento, contou com exposições do autor no Brasil em três momentos: em 19.11.2016, na PUC-Minas, campus Poços de Caldas, em 21.11.2016, na Unifal-MG, Alfenas, durante o *Simpósio Internacional de Filosofia, Comunicação e Subjetividade* (I Lubral, 2016) e em 23.11.2016, na UFRJ, campus Ilha do Fundão, no *XIII Simpósio do PPG em Ciência da Literatura da UFRJ - Literatura e imagem*.

² Professora da Universidade Federal de Alfenas. Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras e doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio sanduíche realizado na Hochschule für Grafik und Buchkunst - Academy of Fine Arts Leipzig (HGB) (Alemanha). E-mail: elisa.zwick@unifal-mg.edu.br

³ Ambas obras também traduzidas para o português (Türcke, 2010a; 2010b).

como uma manifestação da cultura atual, o que implica uma compreensão conjuntural, não apenas do ponto de vista médico-clínico. Para o autor, o *Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade - TDAH (Aufmerksamkeitsdefizit-Hyperaktivitätssyndrom - ADHS)* é daqueles conceitos que “soa como diagnóstico restrito de uma doença, mas trata-se de mera palavra auxiliar para algo incompreendido”⁴ e, como tal, uma distinção enganosa que não foi feita nem mesmo em período traumático como o da segunda guerra mundial. A esta definição conceitual, estabelecida pela saída especializada, também se agregou o termo “multifatorial”, sob o argumento de que a “doença” seria provocada por diversos fatores. Isso conduz a pensar sobre seu oposto: o particular, a *atenção*.

A atenção é uma construção especificamente humana, surgida na espécie no período paleolítico como primeiro sinal do entendimento. Enquanto os macacos aprenderam apenas as propriedades dos objetos, os humanos construíram interações triádicas (reconhecendo objetos e pessoas), criaram intenções e *apontaram* para o que lhes era importante e, “com essa transição, abriu-se o espaço mental como o espaço imaginário do sagrado”⁵. Uma vez que o ser humano é, por excelência, um animal que aponta, isso lhe permite constituir relações de reconhecimento e eleger o que é importante.

Neste eixo, para Türcke o diagnóstico de TDAH em si integra o próprio comportamento da era social que lhe dá origem. Onde o efêmero está presente, não se conhece a essência e, por conseguinte, perde-se a capacidade de apontar. Essa lógica transformou a arte e até mesmo a religião e a política em mero espetáculo, hoje veiculado pelos televisores particulares de bolso. Pequenos e centrais, mais do que meros aparelhos telefônicos, estes artefatos mudaram drasticamente a forma como os seres humanos reagem a estímulos imagéticos, preenchem a vida em sociedade e tomam decisões.

Mesmo que a história humana tenha nos projetado a esse estágio, as tecnologias informáticas não nos retiraram de nossa condição natural. Assim, Türcke introduz sabiamente o leitor no universo de compreensão do passado humano enquanto fenômeno repetitivo, sustentando que esta é a única maneira de compreender devidamente o TDAH. Ao focar na análise da infância é que o autor constata que a experiência evolutiva hodierna se relaciona à perda da atenção. Não é mais normal que a capacidade de concentração seja ponto pacífico às crianças, nem mesmo para aquelas estabilizadas em todas esferas de sua vida. Ao passo que

⁴ “Das Klingt wie die prägnante Diagnose einer Krankheit, ist aber bloß ein Hilfswort für etwas Unverstandenes” (Türcke, 2012, p. 7).

⁵ “Mit diesem Übergang öffnete sich der mentale Raum als der imaginäre Raum des Heiligen” (Türcke, 2012, p. 60-61).

nada lhes falta, há pouca satisfação naquilo que usufruem, pois “algo elementar deve estar lhes perturbando”⁶, causando, na escola, desespero a pais e professores. Esse comportamento instável no cotidiano é relacionado pelo olhar do filósofo aos moldes de um “anarquismo mais radical”⁷, uma espécie de greve (*Streik*) de sentido nada político, mas psicossomático. À criança não é mais ensinado apontar para algo como unidade de significado, o que resulta no bloqueio cognitivo ao desenvolvimento da capacidade de concentração, distinguidora da linhagem hominídea.

Para compreender esta situação, desestabilizadora do laborioso processo civilizatório-evolutivo de nossa cultura, é necessário o retorno aos primórdios da constituição do que nos tornou propriamente humanos. Para Türcke, os “seres humanos são reincidentes”⁸, tendo esta capacidade lhes conferido, na contemporaneidade, a habilidade da elaboração da máquina, que hoje por sobre eles incide de forma danosa: “todas as repetições que os homens descarregam por sobre as máquinas, surtem efeitos por sobre eles de volta”⁹. Observamos análise semelhante já na Teoria Crítica de primeira geração. Sob a inspiração de uma leitura marxista dos processos históricos, fez-se a leitura de que os seres humanos se constituíram seres culturais na medida em que dominaram a natureza, depois se dividiram em classes, passando a violentar não só a natureza como a si próprios. Não apenas vivemos a verdade dessa constatação, como o seu avanço resultou na adaptação problemática das novas gerações à cultura *high tech*.

Adiante, o autor esclarece sobre as formas primevas de desenvolvimento mental do humano, nas quais as evidências de um novo processo de dominação da natureza humana se fazem mais claras para compreender o fenômeno da TDAH. Talvez a repetição maquinal (*Maschinelle Wiederholung*), enquanto elemento que assaltou o processo civilizatório, seja tão responsável pela aceleração da desigualdade social na recente era industrial, quanto a compulsão à repetição traumática fora no paleolítico pelo surgimento da cultura. Constituidora do humano por lhe introduzir na cultura e, portanto, potencializadora da fundação das sociedades, a compulsão à repetição traumática alcança, hoje, sua hipertrofia na era das máquinas. Tais processos tortuosos fazem com que a busca pela redenção em prol da ‘elevação’ civilizatória retorne na forma de institucionalização deteriorada, arremessando os seres humanos de volta ao estágio mais inicial do sacrifício.

⁶ “*Irgend etwas Elementares muß in ihnen gestört sein*” (Türcke, 2012, p. 12).

⁷ “*Ihr Anarchismus ist radikaler*” (Türcke, 2012, p. 12).

⁸ “*Menschen sind Wiederholungstäter*” (Türcke, 2012, p. 13).

⁹ “*Alle Wiederholungen, die Menschen auf Maschinen abwälzen, wirken auf Menschen zurück*” (Türcke, 2012, p. 23).

À capital tese de Adorno e Horkheimer (1997), de que o mito esclarecido se transformou novamente em mito servindo à dominação, é acrescentado por Türcke, para compreender os rituais – sobre o que seu livro vai falar e propor, quanto ao processo de formação ou educação –, uma análise pelo conceito de “compulsão à repetição”, de base freudiana. Assim, o impulso à repetição traumática seria uma legítima defesa: “o artifício desesperado de um sistema nervoso altamente sensível”¹⁰. A repetição é o ato de retomar o horrível para se livrar dele, de tornar suportável o insuportável que, para o filósofo, se equipara ao mesmo ato que permite tornar compreensível o incompreensível. Nisto inclui-se o processo educativo, o espaço por excelência dos rituais que, mediados pela cultura, passaram a ser reproduzidos de maneira socialmente aceitável, fazendo a repetição de tudo que a humanidade sofreu se concentrar no pequeno espaço temporal e físico da sala de aula. A estrutura cerebral infantil vivencia a reincidência da história humana, atualizada aos rituais que darão suporte para a vida adulta.

“O homem é o animal que sacrifica”¹¹. E a atenção é pré-condição para esta ação. Já nos primeiros seres humanos que se reuniam em torno de algo para amenizar o sofrimento há a eleição de algo significativo para representar o sagrado. Ou, nos moldes de um processo fisiológico, necessitou-se de atenção em torno de um ponto dolorido para eliminar a dor. Assim, o culto do sacrifício retrata a ação intencional do trabalho cultural primário, tendo a cultura somente alçado patamares elevados graças, também, à evolução das formas de sacrifício, cujo papel histórico é obter redenção.

Mas, para Türcke, o que se revelou como cultura, o trabalho da razão contra os mitos, desconectou-se do seu propósito inicial de demolir a repetição compulsiva e, com isso, “a compulsão à repetição traumática literalmente afundou-se na cultura”¹². Mesmo que o propósito inicial da cultura fora desvencilhar os humanos do pavor da natureza, ao desenvolver-se inversamente, a cultura passou a ser comprometida. Os rituais que lhe compõem, base da constituição da imaginação coletiva, já não representam a função libertária almejada, resultando, hoje, na incapacidade da concentração. Destarte, as vítimas de TDAH representam a voz de um sofrimento que, enquanto verdade, como já dizia Adorno (2009), requer expressão, e não apenas comunicação. Não é exagero dizer, mais uma vez, que o iluminismo não garantiu a libertação do ser humano de amarras, pois os “inumeráveis estraçalhamentos nervosos individuais”¹³ que constituíram os passos da hominização foram olvidados, numa espécie de

¹⁰ “*der verzweifelte Kunstgriff eines hochempfindlichen Nervensystems*” (Türcke, 2012, p. 16).

¹¹ “*Der Mensch ist das opfernde Tier*” (Türcke, 2012, p. 14).

¹² “*Der traumatische Wiederholungszwang ist buchstäblich in der Kultur untergegangen*” (Türcke, 2012, p. 21).

¹³ “*zahllosen individuellen Nervenzerrüttungen*” (Türcke, 2012, p. 21).

desequilíbrio da essência humana fundamental. Num ser humano sem referências, distúrbios surgem com toda força, como se na alegoria Ulisses agora fosse o alvo do *canto das sereias* antes mesmo de poder tampar os ouvidos, pois ele já nasce amarrado ao mastro do navio em águas atribuladas.

Amparado pela visão benjaminiana, o autor ressalta que o cinema causa uma sensação de alvoroço desde seu surgimento, pois, ao contrário das máquinas a vapor sem capacidade sedutora, o papel das “máquinas de imagem” é, justamente, assumir os processos da percepção. Enquanto em suas primeiras inspirações o cinema contava com indivíduos anacrônicos como receptores ideais, visto que produziam algo na pausa a respeito do que viam, as inspirações atuais contam com um tiroteio de imagens, onde o receptor tem de se defender diante da quantidade de estímulos.

Enquanto Benjamin nutria um olhar otimista e apostava que os choques filmicos fomentariam a almejada ruptura com o conformismo burguês, abrindo um passo à consciência revolucionária socialista, para Türcke é o oposto que está em voga: sequer pela arte houve libertação, pois “somente uma presença de espírito exercitada para além do filme pode se intensificar em sua visualização, mas não vai muito além”¹⁴. O que aconteceu foi a onipresença do efeito de choque que, aliado aos anúncios chamativos à compra de novas mercadorias, injetou incessantemente doses de atenção programada nos seres humanos, cansando os nervos ópticos e penetrando em toda a sua estrutura neurológica: “com tudo isso, o choque de imagem se tornou o foco de um regime global de atenção, que insensibiliza a atenção humana por meio da sobrecarga insensível”¹⁵.

Trata-se de um novo comportamento de vida que vitimou fatalmente o aprendizado e foi tratado como desordem neurológica, embora sem distúrbio cerebral, colocando a indústria farmacêutica no centro da resposta. Mas a medição/medicação do estresse não resolve o “efeito choque do cinema” e Türcke destaca que não trouxe alteração na dinâmica dos desdobramentos do “regime de atenção no conjunto da sociedade”. Parafrazeando Benjamin, podemos dizer que esta constatação aponta dispersamente à realidade onde o estado de exceção passa a ser, naturalmente, a regra. Apenas medicada, a fonte da suposta doença permanece intocável.

Por isso Türcke lhe contesta o rótulo, elucidando que TDAH não pode ser nome alcançado na soma de características isoladas e tratado como transtorno cerebropatológico.

¹⁴ “Nur eine jenseits des Films geübte Geistesgegenwart kann sich bei der Filmbetrachtung steigern, und auch das nur ein Stück weit” (Türcke, 2012, p. 28).

¹⁵ “Mit alledem ist der Bildschock zum Brennpunkteines globalen Aufmerksamkeitsregimes geworden, das die menschliche Aufmerksamkeit durch Daueritberforderung abstumpft” (Türcke, 2012, p. 29).

Antes, é uma *constelação (Sternbild)*, cujos aspectos individuais por si só não o representam, devendo sua compreensão como um distúrbio cerebral ocorrer ao mesmo tempo em que é diagnosticada como distúrbio cultural. Daí que se pode obter mais claramente a explicação do porquê o emprego da Ritalina (dopamina artificial) – para resolver um desequilíbrio suposto como apenas cerebral – não ter melhoras significativas comprovadas.

Compreender essa perturbação, enganosamente rotulada como doença, merece, portanto, uma leitura social. Na análise da infância atual como momento de apreensão da ritualização do horror elevado ao caráter sagrado, cuja aquisição era esperada pela atenção exclusiva da mãe ao bebê, Türcke destaca a interferência da cultura *high tech*. Esclarecer sobre essa realidade de seres multitarefas (*Multitasking*) e sua crise de atenção exige um retorno ao paleolítico para compreender o imemorial processo de construção e manutenção do comportamento social triádico. Devemos ainda dar importância à hominização coletiva (filogênese) que se expressa no particular (ontogênese) em poucos meses a partir do nascimento. A ontogênese individual e o que Türcke chama de “revolução de nove meses” (*Neunmonatsrevolution*) – o período em que a criança desenvolve características racionais que a diferenciam de outras espécies –, não podem ser subestimados. É um processo que envolve a “história naturalizada que, atualmente, cerca de nove meses depois de nascida, toda criança saudável começa a reatualizar”¹⁶.

O rito ou o culto (cultivo), que se ritualizou e que deu lugar ao sagrado e à cultura, se reduz aos elementos profanos que habitam o universo infantil. O cultivado hoje se dá em meio a máquinas, favorecendo vivências ausentes de afeto, conferindo à criança uma entrada rasa e inconsistente no mundo. Nessa relação afetuosa superficial e com interferência de ruídos, o que se retém é uma “fornalha de desassossego audiovisual, que não pode ser tocada, um constante cintilar de mudança sensorial, que no seu conjunto não pode ser compreendido”¹⁷.

Nesse ínterim, o ponto de reflexão deve pairar sobre o *introitos interruptus*, condutor de uma nova revolução dos nove meses indolor, justamente o que faz com “que seu ambiente pareça tão desgraçadamente normal”¹⁸. O “*high tech*”, em seu cintilar de luzes e ruídos frenéticos, que se expressam tanto no cinema como na música, constituiu-se no *modus* de enfrentamento do terror em moldes cibernéticos. O mito fundador da humanidade – a ritualística

¹⁶ “*Es ist naturalisierte Geschichte, die heutzutage jedes gesunde Kind nach etwa neun Monaten zu reaktualisieren beginnt*” (Türcke, 2012, p. 64).

¹⁷ “*audiovisueller Unruheherd, den es nicht fassen kann, ein unablässig flackernder Sinnesreiz, der sich zur Bedeutungseinheit eines Dings nicht festigt*” (Türcke, 2012, p. 66).

¹⁸ “*daß seine Umgebung so verdammt normal erscheint*” (Türcke, 2012, p. 68).

sacrificial para alçar a redenção – se reedita, mudando de forma, mas preservando o conteúdo. Desse modo, dista do esclarecimento, pois o recurso cinematográfico do espetáculo serve para distrair a atenção e reforça um humano desprotegido da sua própria história. Resulta a alienação da própria dominação, nunca seu oposto. Onde o mar de telas fictícias perpetra, os ruídos intermitentes assumem, em proporção aumentativa, o lugar do *canto das sereias*.

As máquinas de imagens, aliadas da psicose, dispensam os indivíduos dos sonhos, realidade bem documentada em filmes como *Laranja Mecânica*¹⁹. Contudo, a atualização do nosso autor, acima mencionada, se confirma, pois *o feitiço não virou contra o feiticeiro*, visto que o cinema, assumido em caráter eminentemente comercial, cumpriu exatamente o seu papel. Quando “a recaída na indiferença da imaginação e da percepção poderia ser limitada a algumas horas relaxantes de cinema”²⁰, a forma do cinema toma o lugar da vida, destituindo o papel da retenção (*Nachsitzen*). Disto, o autor infere a desistência da cultura e, por extensão, de si mesmo enquanto ser humano. Contudo, não se trata de uma desistência decidida, mas construída, já que o próprio fenômeno do TDAH, mesmo enquanto liquidação da capacidade de atenção, é algo cultural cultivado.

Diante desse diagnóstico social, ao invés da Ritalina, a contraproposição perspectivada se encontra no retorno aos rituais vivos. Türcke propõe o retorno à “capacidade de ‘orar’” (*Gebetsfähig*), realizável pela inserção de uma disciplina de nova orientação nas escolas, capaz de educar para a concentração. Assim, o que o autor denomina *Estudos Rituais* nasce como a retomada de formas do sagrado, um *Wiederholung* capaz de desenvolver rituais de performance aurática. Uma vez que o TDAH carrega o emblema da “dispersão concentrada” (*Konzentrierte Zerstreung*), para enfrentá-la Türcke defende um sistema de ensino concentrado. Em sua operação, atualiza uma famosa frase de Marx para: “não é o suficiente que as regras se inclinem à sua realização, é preciso que a realidade mesma se incline às regras”²¹. Trata-se de enfrentar o que Türcke (2010a) chamou de “distração concentrada” convencionando um conjunto de regras capazes de reorganizar o pensamento emancipatório, o que pressupõe o reestabelecimento qualificado das capacidades cognitivas e reflexivas da mente humana.

¹⁹ O filme realiza exatamente este movimento que Türcke descreve, de confusão constante entre percepção e alucinação. Trata-se de um jovem que é submetido ininterruptamente a diferentes cenas de filmes traumáticos e, sem poder fechar seus olhos, têm seus limites incessantemente testados.

²⁰ “*Ließe sich der Rückfall in die Indifferenz von Vorstellung und Wahrnehmung doch auf ein paar erholsame Kinostunden beschränken*” (Türcke, 2012, p. 76).

²¹ Marx afirma: “*Es genügt nicht, daß der Gedanke zur Verwirklichung drängt, die Wirklichkeit muß sich selbst zum Gedanken drängen*”. A frase, comumente traduzida para “não basta que o pensamento tenda à realidade, é preciso que a realidade mesma tenda ao pensamento”, aparece assim parafraseada por Türcke (2012, p. 81): “*Es genügt nicht, daß die Regel zur Verwirklichung drängt, die Wirklichkeit muß sich selbst zur Regel drängen*”.

Um ensino metodologicamente diferenciado é, então, o que está posto como *Estudos Rituais*. Por um lado, isto implica em romper com alguns dogmas pedagógicos – o monólogo do professor, a rigidez, a pontualidade, as repetições sem sentido – e, por outro, compreender o anacronismo da escola criando interações vivas pela linguagem, numa espécie de “coerção a serviço do livre desenvolvimento”²². Além de rupturas necessárias, o autor também pontua os danos causados pelo emprego de métodos confusos para o ensino da escrita que, ao contrário de assegurarem flexibilidade, causam prejuízo na construção das habilidades de apresentação (*Vorstellungen*) e de pensamento (*Gedanken*).

Assim, para o autor, o primeiro passo para o êxito dos *Estudos Rituais* seria a formação dos professores, a serem coautores anônimos no resgate do espírito lúdico perdido na era técnico-científica, ao mesmo tempo tendo com ela uma relação dialética. Türcke volta-se, também, à valorização dos enredos dos contos de fadas e dos rituais religiosos como auxiliares na memorização, propondo uma “educação artística” como eixo importante dos *Estudos Rituais*. Trata-se de desenvolver a capacidade lúdica ao seu máximo para minimizar os problemas psicológicos impostos pela relação de solidão com a máquina.

Para lhe resgatar a importância perdida, esse já conhecido atendimento da infância pelo emprego de determinados repertórios é retomado. Destarte, o tematizar da repetição pelo olhar filosófico enseja uma atualização crítica de velhos princípios pedagógicos, o que devolve a escola para o lugar da formação integral (*Bildung*). Assim como, ao propor uma escola praticante dos *Estudos Rituais*, Türcke resgata a crença no papel do educador e da educação, no que favorece a criação de um espaço no qual se questiona fundamentalmente a separação abstrata entre sagrado e profano²³, reivindicando sua união harmônica para fins de reinterpretação da vida em sociedade. Considerando seu ambiente multicultural, os diferentes cultos ou costumes religiosos, a exemplo de uma torcida de futebol ou de uma concentração em torno a uma banda de *rock*, também são rituais sacralizados, por mais profanos que pareçam. Por meio dos *Estudos Rituais*, rituais antes temidos transformar-se-iam em objetos de estudo convergentes ao apelo pela tolerância. Isso porque a vivência coletiva fora das telas virtuais, trazendo as pessoas para a imanência da vida efetiva, é o recurso pedagógico mais eficiente para tecer um campo social crítico-reflexivo.

Essa proposta está associada à aptidão ao conhecimento interdisciplinar, pois embora se

²² “*Ihr Geschäft ist der Zwang, der der freien Entfaltung dient*” (Türcke, 2012, p. 86). O negócio [dos *Estudos Rituais*] é a coerção que está a serviço do livre desenvolvimento.

²³ “*Denn Ritualkunde stellt schon von ihrem Ansatz her die abstrakte Trennung von sakral und profan grundsätzlich in Frage*” (Türcke, 2012, p. 112).

trate de uma disciplina, *Estudos Rituais* corresponde a um arcabouço de combate à cultura do déficit de atenção na mesma esteira dialética corroborada pela primeira Teoria Crítica. Assim, o autor nos leva a (re)pensar os fundamentos da educação de maneira singular. Talvez um emprego dos *Estudos Rituais* possa trazer às novas gerações o reconhecimento perdido do que é sagrado, conservando-o junto de si até a idade adulta, independentemente de sua natureza. Também porque, atemporalmente, o ser humano aponta e distingue, elegendo um sagrado. E o sagrado se constituiu no nível da atenção, isto é, em sentido não restrito ao religioso. A dispersão de hoje, constituída pela cultura tornada plana, acelerada, horizontal, superficial e sem verticalidade, constrangeu totalmente a capacidade de eleger.

A filosofia nunca se restringe à primeira impressão. Por isto, *Hyperaktiv!* talvez seja uma obra a ser lida também em movimento triádico, aquele mesmo que alçou o *homo sapiens* no processo civilizatório. Exige o olhar dialético, que acompanha o alvorecer do pensamento filosófico, elucidador da relação entre o humano e a natureza. Faz-se urgente compreender aquilo que por desconhecimento e negatividade tememos, tornando-o objeto de avaliação crítica, de modo a enfrentar com determinação desafios como os que a interferência da “fornalha de TDAH” nos impõe à educação das gerações vindouras.

Em meio a uma exposição que visa clareza e não hermetismo, nas páginas do livro reside, dialeticamente, uma profundidade que é própria ao pensamento filosófico. Percebê-la é tarefa dos leitores ávidos por conhecimento crítico, como todos deveríamos ser na busca pela saída da caverna atual, já criticada desde a muito antiga alegoria de Platão – um sinal, aliás, de que nem tudo é novo, diferente do que costuma vaticinar a superficial ideologia midiática sem crítica, que prega uma atualização de fundo meramente adaptativo.

Identificar na potência da crítica a complexidade dos *Estudos Rituais* é parte de uma dialética que não encontramos apenas nos livros, mas constantemente e cada vez mais na realidade *multitarefa*s que nos cerca e cerceia. Para mera adaptação, *Ritalina* é suficiente. Mas, se quisermos enfrentar o que nos aparta da liberdade, é preciso abraçar uma alternativa não alucinógena. Não é possível enfrentar a alucinação imagética atual com mais de um mesmo falso e superficial, mas sim, com pensamento crítico. A propósito, cumpre mencionar que o pensamento genealógico de Türcke (2019) amplia, em um dos seus mais recentes livros, a análise da cultura do déficit de atenção em direção à distopia social embutida em seu maquinário eletrônico, em que ele configura a submissão digital como caminho de uma nova sociedade tribal. Com isso, leva adiante a necessária tarefa de fazer Teoria Crítica como um ato de “legítima defesa”, qualificação atribuída pelo próprio filósofo ao atualizar o papel dessa

vertente para o tempo de agora.

Referências

ADORNO, T. W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 6. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

TÜRCKE, C. **Digitale Gefolgschaft**: Auf dem weg in eine neue Stammesgesellschaft. München: C. H. Beck, 2019.

_____. **Filosofia do sonho**. Trad. Paulo Rudi Schneider. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010b.

_____. **Hiperativos!** Abaixo a cultura do déficit de atenção. Trad. Pedro José Antunes. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____. **Hyperaktiv!** Kritik der Aufmerksamkeitsdefizitkultur. München: C.H. Beck, 2012.

_____. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Trad. Antonio A. S. Zuin et al. Campinas: Ed. Unicamp, 2010a.